

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



Desde que principia o uso dos sentidos, tão agradaveis e consolativos effeitos produz a musica no animo, que apaziguando nossos primeiros desassocegos e desgostos, nos repõe em suave bonança: ao som da musica, e ás vezes muito má e sem sabor, nos esquecem enfiados; enxugão-se lagrimas; vem a alegria e satisfação; com ella enfim nossas mãos nos acalentão e adoção. Deste admiravel effeito da musica veio o quanto della nos contão as fabulas, e as historias; e posto mentirosas sejam aquellas, e estas pouco verdadeiras, a virtude da harmonia dos sons não a podemos nós negar.

Nem eu tão pouco negarei a frescura com que, devendo fallar em *modas*, estou tratando da musica e seus effeitos. Da razão que tenho para fazer semelhante troca, talvez não vos recordeis neste momento; mas eu acudo já, para não demorar por mais tempo a vossa curiosidade e a minha justificação.

Hoje, querida-leitora, é o ultimo Domingo do mez; ha restricta obrigação de se vos dar uma

peça de musica ou uma estampa de bordados; e como tive a prioridade de escolher uma ou outra cousa para presentear-vos, escolhi a musica, pela razão de ha muito não se vos ter feito igual presente; eis tudo explicado.

Mas tive de fazer o artigo de fundo para este fim, e então entendi não dever regeitar o titulo dos meus artigos sómente por ter de dizer duas palavras em favor da musica que vos offereço. O meu mestre de piano, mestre que passou por primeiro na nossa terra, e já foi mestre de muitas moças d'outro tempo, dizia, e ainda diz com toda a autoridade de mestre velho — que a musica deve executar-se emquanto for da moda, depois — estante com ella — porque já está velha. Ora, se o mestre diz que a *Norma* não se deve cantar, porque já não é moda, não é muito que eu dê, sob o titulo *modas*, uma valsa da moda ás minhas queridas leitoras.

Está explicada a segunda parte — á vista da autoridade do meu mestre.

Agora resta-me dizer-vos, querida leitora,

que a valsa que hoje acompanha este Jornal, é uma brilhante composição executada com successo em Paris, em piano e a grande orchestra: appellida-se *Mathilda*, e foi composta e dedicada a Mademoiselle Mathilde. Se quizerdes applicar um bocadinho da vossa attenção ao pouco estudo que ella fequer, executal-a-heis com gosto e expressão, e não duvidareis das muitas palayras, ao descobrires nessa musica uma novidade agradável.

Por novidade — participo-vos que o lindo ar-mazem de modas pertencente aos Srs. Pantalcão e Faria illuminou-se a gaz na terça feira á noite, com surpresa de centenaes de visitantes que lá forão ávidamente observar a bella luz que resplandecia pura e brilhante sobre os mil objectos de gosto, expostos á curiosidade do mundo elegante fluminense.

Por esta occasião tive de admirar um bello chefe d'obra produzido pelas mãos das nossas patricias Catharinenses.

Este chefe d'obra compõe-se de um grande quadro representando uma bem formada e delicada cêsta carregada de flores e fructos do paiz feitos das mais raras conchinhas e de escama de peixe. Descrever a belleza e perfeição deste trabalho é de mais p'ra este pequeno artigo; convido-vos, querida leitora, que ide vós mesma apreciar esse lindo e bem acabado trabalho que tem sido verdadeiramente admirado pelo estrangeiro.

Não fecharei este artigo sem prometter-vos para Domingo lindos figurinos de baile que nos vierão pelo ultimo paquete inglez.

Ritinha.

O REI E O MOLEIRO.

Henrique II de Inglaterra era generoso, jovial e affavel. Um dia, andando á caça, que anava apaixonadamente, na floresta de Sherwood, o ardor de perseguir um javali o levou tão longe dos senhores da sua corte e do seu acompanhamento, que á entrada da noite se achou só em um sítio da floresta que não conhecia; e onde não havia caminho algum aberto. Algum tempo vagou de um para outro lado sem encontrar ninguém; emfim já estava bem cuidadoso do modo por que d'alli sahiria, quando avistou um moleiro que conduzia diante de si o seu jumento carregado: « Bom homem, lhe gritou o rei, por quem sois ensinai-me o caminho de Nottingham. » O moleiro olhou-o de travez, e sem responder-lhe deu uma arrojada na anca do jumento para o fazer apressar o passo.

« Sois surdo, ou mudo, meu amigo? » continuou o rei, chegando tambem pela sua parte as esporas ao cavallo, que já pouco se podia mover.

— Está bem, camarada; eu não gosto de graças, entendeis-me? Continuai o vosso caminho, que conheceis tão bem como eu o meu.

— Dou-vos minha palayra de honra, replicou o rei, que vos fallo seriamente; e se não vos prestardes aos meus rogos terei de passar a noite debaixo destas arvores.

— Forte desgraça! respondeu o moleiro: por certo que não seria a primeira vez, segundo me parece, que tendes feito da ramagem dessas arvores o vosso leito de armação.

— Por quem me tomais vós?

— Por quem certamente sois, meu bravo senhor..... Porém fazei favor de vos não chegar muito para cá.

Por isto se vê facilmente que o bom homem

tomava o rei por um ladrão. O joven principe, sorrindo-se de tal supposição, procurou ao menos desvanecer-a em parte, assegurando-lhe que era uma pessoa nobre.

— Vós, nobre! respondeu o moleiro: de certo que me pareceis destes que trazem toda a sua nobreza na ponta da sua adaga..... Porém, continuou elle depois de haver reflectido um pouco; com a fortuna! antes quero eu deixar-me lograr do que faltar-aos-deveres da caridade.... pôde tambem ser que eu me engane.... seja como for, segui-me, meu amigo: Nottingham está muito distante para que possais lá chegar esta noite; e se na verdade fordes um homem de bem, não vos deixaremos ficar ao luar.

— Podéis estar seguro de que sou homem honrado, e em penhor aqui está a minha mão.

— Devagar, devagar, meu querido; escusais de vos chegar muito para mim, porque eu ás escuras não aperto a mão a ninguém. Deixemos isso lá para casa.

Depois de meia hora de marcha o rei avistou no baixo de uma collina um fraco raio de luz que sahia pelas feudas de um porta, e algumas fagulhas que sahião pelo chimo da chaminé. Era a habitação do moleiro. Logo que entrãrão, o primeiro cuidado deste foi de examinar a physionomia do seu hospede, depois do que exclamou:

— Por vida minha, que me não é de todo estranha esta cara! E de certo que não tem ar de um tratante, como eu pensava. Ora pois! ceareas, e ficarás hoje connosco.

Henrique havia tirado respeitosamente o seu barrete, e conservava-se em pé diante da moleira, que sentada ao pé da mesa esfregava um pichel de estanho.

— E' um pobre diabo que encontrei perdido

nô bosque, disse o moleiro para sua mulher; e tjeve dô de o deixar dormir ao relento. Olha-lhe para a cara..... quasi que me parece um homem de bem.

A moleira não pareceu formar de Henrique menos favoravel opinião que seu marido, e lhe disse com modo agradável, que nem sempre tinha:

— Ora pois, sejais bem viúdo, meu bom rapaz. Comereis do que houver, e depois tereis um bom feixe de palha nova, e dous lençoes lavados para dormir. Talvez que nem sempre passeis noite tão regalada.

O rei não pôde conter uma risada; mas a sua expressão de alegria, longe de offender os seus hospedes, os poz ainda de melhor humor. Pozerão-se á mesa: um grande prato de batatas cozidas, um *pudding preto*, e uma grossa fatia de toucinho grilhado couvidavão um estomago esfomeado. Nunca o rei comêra com melhor appetite, nem cousa que tão bem lhe soubesse.

— A' tua saude, meu amigo, diz o moleiro pegando com ambas as mãos no grande pichel de estanho, trahorlundo de cerveja.

— A' saude da vossa honrada companheira, disse o rei tomando das mãos do moleiro o pichel que este lhe passava:

— Obrigada, meu bom rapaz: é avia-te; passa para cá o pichel, que te quero fazer a razão.

A jovialidade e a satisfação se estabelecerão inteiramente entre todos os commensaes.

— Ora pois, nossa mulher; diz o bom moleiro já encantado das maneiras do seu hospede; então não tens mais nada para nos dar? Ora vamos, vamos, vai á salgadeira, e manda pôr nas brasas um naco de carne: é preciso obsequiarmos este bom moço.

A mulher não se fez rogar muito; e d'ahi a pouco uma appetitosa *grilhada* fumava no meio da mesa.

— Oh! què saborosa cousa! diz o rei devorando grandes pedaços della: que gosto tão delicioso! Em que mercado se vende esta carne?

— Em nenhum: disto não vai ao mercado.

— Mas onde a comprais vós?

— De sorte que..... dir-vos-hei: a mata de Sherwood é aqui pegada, e..... vai então.....

— Já entendo: é cabrito montez.

— Justamente..... Mas não vades lá pensar que eu vá caçar na coutada; Deus me livre! Porém é que os cabritos são tantos por ahí como praga, e andão a saltar aos bandos por toda a parte; ás vezes vêem fazer-me aqui motins e assuadas defronte da porta, e provocar-me..... ofa, bem vêdes que a gente nem sempre está de pachorra; ás vezes zanga-se, vai buscar a espingarda, desfecha' sobre os sujeitos para os fazer fugir..... mas sempre ficão seus dous ou tres.... Mas oh! com a fortuna!... promettei-me de não boquejar a semelhante respeito; porque el-rei, que é bom e generoso em tudo o mais, lá a respeito dos direitos das suas coutadas não é para graças.

— Ficai descansado, respondeu Henrique; que el-rei nunca o saberá da minha boca.

O fim da cea foi ainda mais alegre que o principio: todos estavam contentes e cheios de satis-

fação. Henrique deu ainda o ultimo bote no pichel da cerveja, e foi deitar-se sobre a sua cama de palha fresca de companhia com o filho do moleiro; e dormiu toda a noite a sonno solto.

Na manhã seguinte, quando o rei se tinha já despedido dos seus hospedes, e se dispunha para montar a cavallo, apparecerão alguns senhores da corte, que o procuravão por toda a parte, e, cheios de alegria, de o encontrar, ajelhirão a seus pés dando-lhe o tratamento de *magestade*. Figure-se qual seria o pasmo de toda a familia! O pobre moleiro foitornado de tão grande medo, que todos os membros lhe tremião! Elle se persuadiu mesmo que o rei leyava a mão ao punho da sua espada, e temendo que fuisse para lhe cortar a cabeça, se lhe lançou aos pés, pedindo perdão. O rei o socegoo pondo-lhe amigavelmente a mão no hombro; depois saltou sobre o seu cavallo, e partiu a galope com a sua comitiva.

Mais de um mez era passado, e já o moleiro começava a esquecer-se deste acontecimento, quando um pagem do rei veio bater-lhe á porta. « Sua Magestade, lhe disse o pagem, vos manda dizer que vos apresenteis amanhã em Westminster com a vossa familia.

— Em Westminster! exclamou a mulher cheia de terror. Oh! meu Deus! e que pôde el-rei querer de miseraveis como nós?

— Sem duvida e a historia daquelles malditos cabritos, lhe respondeu o marido, lembrando-se de alguns mãos sonhos que tivera nas primeiras noites depois da estada do rei em sua casa.

— Oh! nada tendes que recar, lhes tornou o pagem. Sua Magestade mostra-se muito vosso amigo, e vos convida para jantar.

— Para jantar!... Deveras?... Oh! isso então é outra cousa. Vês tu, mulher, el-rei nos convida para jantar; e não é bem que nos façamos rogar. Ora pois, mancebo, ide dizer a Sua Magestade que nós aceitamos o seu convite; e já que tivestes o incommodo de nos trazer o recado é justo que vol-o agradeça.

E dizendo isto elle mettia na mão do pagem alguns pences em cobre, que tirou da algebeira, e que o pagem rindo-se guardou.

Logo que este partiu, o moleiro, endireitando-se com ar de importancia, disse para sua mulher:

— Ora bem; trata-se de apparecer-capazmente na corte, e não-se deve olhar a despesas. E' preciso apresentar-nos o melhor que poder ser.

— Deixa isso por minha conta, respondeu a mulher saltando de alegria: prometto-te que nenhum desses senhores da corte ha de ter que nos dizer.

E a boa mulher foi direita ao seu velho armario, e deitou tudo abaixo. Vierão á frente os melhores factos domingueiros; escolheu-se, e separou-se o mais decente: aqui se lavava uma nodoa do mantéu, acolá cozia-se um laço de fitas: o filho arrancava as mais bellas pennas a um gallo para emplumar o seu chapéo novo: o pai escovava e sacudia o seu rico gibão de droguet. Em todo o dia houve azafama com os preparos.

Na madrugada seguinte arrearão-se o melhor possível os dous jumentos do moinho; uma antiga colcha e uma nova cabeçada franjada distinguão o mais pacífico delles; era este o palafrem da moleira: no outro montou o moleiro levando o filho de garupa.

Deste modo se apresentarão no palacio real de Westminster, onde foram graciosamente recebidos: el-rei havia prohibido que se usasse com elles a menor zombaria ou motejo. Elle apertou amigavelmente a mão ao bravo moleiro, desejou a boa vinda á sua companheira, e ao filho Ricardo.

— Olhem lá se elle se esqueceu de mim! disse este ultimo, com uma grossa gargalhada.

O pai o acotovelou para que se calasse.

— Oh! respondeu o rei com benignidade; e como poderia eu esquecer-me do meu companheiro de cama?

— E' verdade, é verdade, replicou Ricardo, continuando a rir; e por signal que tem Vossa Magestade bem máo dormir: dava-me de noite cada pernada!...

— Não calarás essa boca, patola? aduciu o moleiro, puxando-o pelo braço.

Esta scena foi interrompida pela chegada da rainha, que abraçou a moleira agradecendo-lhe affavelmente a boa hospedagem que havia dado a seu esposo. A pobre mulher ficou estupefacta e direita como uma estatua. O rei guiou os seus hospedes para a mesa, e os mandou assentar, dizendo para todos: « Não se dirá que Henrique II faltou a retribuir a hospedagem que lhe fez esta boa gente. »

O moleiro e sua familia não se fizeram rogar para comer; elles limpavão sem a menor cerimonia todos os pratos, e despejavão todos os copos que lhe apresentavão, sem proferir uma palavra. Por fim, tendo virado um copo de vinho

de França, o bom homem não pôde mais conter-se.

— Ora, mulher, disse elle; verdade, verdade: lá em casa não temos nós tão boa pinga.

— Mas tendes mais gostosa carne grillhada, respondeu o rei; e eu sinto não haver aqui della para vol-a oferecer.

— Alto lá, senhor, atalhou-o o moleiro; isso é faltar Vossa Magestade ao que prometten.

— Tendes razão; não direi mais palavra a esse respeito. E virando-se para Ricardo: « Eutão, meu amigo, de que tens gostado máis?

— Para dizer a verdade a Vossa Magestade, nenhuma destas golozeimas me sabe tão bem como um bom pudding preto.

— E creio que elle tem razão, disse el-rei para a rainha, porque de certo era gostoso o que comi em sua casa.

E como a rainha perguntasse que qualidade de comida era, Ricardo levantou-se sem dizer palavra, foi aonde deixara os seus alforges, tirou delles um pudding preto, que haviam trazido para a viagem, e o foi sem cerimonia pôr no meio da mesa, dizendo á rainha:

— Aqui está; se Vossa Magestade quer provar.

Os cortezas tiveram muito custo em conter o riso; mas a rainha com muita bondade provou do pudding.

Depois do jantar, el-rei annunciou ao seu hospede que o havia nomeado couteiro-mór das florestas de Sherwood; e acrescentou: « Recomendando-vos sómente que não fazeis motins e assuadas á porta de pessoa alguma. Vinde ver-me de quando em quando, e continuai a ser sempre hospitaleiro, franco e generoso. »

Este facto é historico; e do moleiro de Mansfield descende a casa de um dos mais nobres lords de Inglaterra.

POESIA.

A NHANHÃ.

O' tu a quem amo,
O' flor da manhã,
Escuta-me attenta,
O' minha nhamhã!

Amar-te hei de sempre,
E sempre querer,
Fiel á meus votos,
Até não viver.

E tu tanto amor,
Ingrata, não pagas;

Nem meiga te mostras,
Nem terna me affagas.

Se p'ra ti me chego,
Tu foges de mim;
Se busco abraçar-te,
Fazes sempre assim!...

E eu te amo tanto!...
E tu me arrebatas...
E com teus desdens,
Ingrata, me matas!!

Mas que hei de eu fazer?!
Amar-te e pedir-te

Que me queiras bem :
Não posso fugir-te!!!

Se tu és tão linda,
Aninho formoso,
Minha prece escuta,
E serei ditoso.

DESCRIPÇÃO DA AUSENCIA.

SONETO.

Ausencia é uma dor forte e ardente ;
É ancia cruel, fera e impura ;
É saudade que mata a creatura ;
É desgosto que acaba mansamente .
É penar que definhava o padecente ;
É amor qu'em augmento sempre atura ;
É perfida , e má , não dá ventura ;
É cuidado que fere o peito e a mente .
É meditar que causa mil tormentos ;
É mal que faz estar sempre penando ;
É completa junecção de soffrimentos .

É fogo que de continuo está queimando ;
É saudade que causa mil lamentos :
É chaga, enfim, fatal, que vai matando .

C. M.

SONETO.

Risonha me sorrira a triste sorte,
Ingrato para mim o duro fado
Talvez mudasse o aspecto carregado,
A vida amara eutão, temera a morte ;
Chorára de prazer no meu transporte,
Ah! se nos olhos teus, anjo adorado,
Visse ardente fallando apaixonado
Amor, que a todos vence, — o fraco e o forte.
Lisongeiro e fallaz contentamento!
Como posso affagar essa illusão!.....
Ah! quão ditoso fôra um tal momento!.....
Não! Guarda os risos teus, teu coração.....
Teus mimos não mereço... e o juramento
Esquece, que te fiz, por compaixão!

Rio, 17 de Março de 1854.

V. da S.

O IDIOTA.

N'uma mesquinha cabana, na extremidade de uma pequena villa situada na posição mais poetica e risonha, vivião ha alguns annos a viuva de um bravo militar, morto no campo da honra, e seu filho unico. Este, posto que na idade de vinte e cinco annos, não tinha ainda sahido da infancia, e o céo, recusando-lhe o mais precioso (e talvez o mais cruel) de seus dons, a intelligencia, tiuha-lhe prodigalizado um sentimento que o prendia á vida, isto é, um amor filial sem limites. Para elle, o vér sua mãe era o mesmo que viver; assentado a seus pés, occupava muitas horas do dia a olhar para ella, ouvil-a fallar sem a comprehender; e se por acaso as dôres que lhe causavão as enfermidades, augmentadas pela miseria, lhe arrancavão um grito lastimoso, elle chorava.

Todos os habitantes da aldeã conheçião a mãe Bertha e seu desgraçado filho, todos provião a suas necessidades quanto lh'o permittião os seus recursos; mas elles não lhes podião dar os cuidados que exigia o seu estado, e ella cahiu perigosamente enferma. Pedro, acostumado a sahir só com sua mãe, nunca tinha soffrido desgosto algum. Os rapazes da villa zombavão delle; mas, detidos pelo respeito que sempre inspirão a velhice e a desgraça, não osavão insultal-o.

Uma tarde que Bertha se sentia mais doente que de costume, enviou seu filho a procurar um

camponez, que exercia na aldeã a profissão de facultativo, ou antes de charlatão, recommendando-lhe que viesse depressa. Passou-se uma hora, duas, tres, e nem o medico, nem Pedro apparecia. Inquieta, e não podendo conceber o que podia demorar seu filho tanto tempo fóra de sua casa, a desgraçada mãe reanima todas as suas forças, e dirige seus tremulos passos para fóra da sua cabana. Apenas tiuha chegado ao limiar da porta, quando seu mal augmentou, e ella não pôde avançar: um suor frio cobriu sua fronte, seus membros envelhecidos tremião de febre; mas, por um esforço sobrenatural, ella conseguiu reanimar-se e dirigir seus passos para o sitio onde costumavão reunir-se os rapazes da aldeã. Ao principio ficou admirada de não ouvir o costumado rumor de seus jogos; mas notou logo um numeroz grupo, que se afastava á medida que ella se aproximava, e viu seu filho deitado por terra, com os olhos banhados de lagrimas, e com bastantes contusões nas costas, que manifestavão evidentemente os máos tratamentos que tinha soffrido. Bertha, que a este espectaculo tinha recuperado toda a sua energia, correu para seu filho, e o apertou em seus braços. O idiota, apoiando-se nella para levantar-se, olhava-a com um ar de supplica para que o livrasse de seus perseguidores.

— Parai! exclamou Bertha com força aos ra-

pazes, que confusos se retiravão apressadamente; paraí, e ouvi a maldição de uma mãe! Dizeime que mal vos fez o meu pobre filho?

— Pedro não quiz jogar com os rapazes, porque sua mãe lh'o tinha prohibido, murmurou o idiota.

— E foi por isso que te hão maltratado? disse a afflicta mãe!

Bertha quiz levantar seu filho, mas suas forças já exhaustas lhe faltarão, e ella cabiu desfallecida em seus braços. Pedro olhou algum tempo para ella com espanto, e depois tomando-lhe as mãos frias entre as suas, esforçou-se para as aquecer, gritando:

— Minha mãe! minha mãe!

Ella nada respondeu.... Pedro tomando-a em seus braços a conduzio á sua cabana, assentou-a n'uma poltrona, procurou reanimar o lume quasi extincto, e de novo começou com o seu lamento de *Minha mãe! minha mãe!*

Mas ah! aquella que elle tanto amava tinha cessado de existir; pois que se alguma coisa a podia chamar á vida seria a voz de seu filho.

Finalmente, vendo que todos os seus esforços erão inuteis, Pedro pensou que sua mãe se achava enfadada com elle; e deitando-se a seus pés passou toda a noite a chorar, e a pedir-lhe perdão.

No dia seguinte um antigo amigo de seu pai veio vêr Bertha, e achou o idiota banhado em lagrimas, e na posição que referimos. Elle lhe perguntou a causa desta desgraça.

Minha mãe está enfadada commigo, e não me quer fallar, repelia sem cessar o'idiota; porque a sua fraca intelligencia nenhuma idéa tinha da morte.

De tarde vierão buscar o corpo de Bertha para o conduzir ao cemiterio. Pedro, que até então tinha estado tristemente assentado a um canto da cabana, levantou-se impetuosamente, e arrojou-se contra os camponezes.

— Que quereis vós? lhe disse elle bruscamente (e um claro de intelligencia se manifestou em seus olhos ordinariamente amortecidos). Por que embullhais assim minha mãe? onde a quereis conduzir? cobri-a com o seu chale, que talvez tenha frio; na sua idade precisa de sua poltrona, e de seu brazeiro.... Minha mãe! minha mãe!... vós quereis ficar commigo, não é assim?

— Ella morreu, desgraçado mancebo; disse um dos assistentes, cheio de compaixão.

— Partamos! partamos! disse o que devia levar o corpo.

Pegarão nelle, apezar dos esforços de seu filho, que seguiu machinalmente o funebre cortejo; mas quando forão lançar o corpo na cova, elle deu um profundo gemido, dizendo:

— Minha mãe!... Vede que assim a maltratais!...

Fizerão-no á força retirar para longe d'alli.

Era alta noite; e todos os camponezes cansados repousavão tranquillamente dos trabalhos de todo um dia: Um homem se levantou vagorosamente de cima de uma sepultura onde tinha estado deitado; erá o idiota.

— E' necessario voltar á casa, minha mãe, disse elle, pois que os mãos já partirão....

Elle começou a abrir a sepultura, tomou entre seus braços o corpo inanimado do unico ente que tinha amado, e correu precipitadamente a refugiar-se na sua cabana. Accendeu alli um bom lume; assentou sua mãe na sua poltrona, desembrollou-a do panno que a cobria, e ponde-se de joelhos diante della, como costumava, começou a brincar com seus dedos gelados, e a dirigir-lhe de tempo em tempo supplicas, e sinceras expressões de ternura.

O primeiro lavrador que se dirigiu ao trabalho na manhã seguinte, viu pela porta meia aberta da cabana o pobre idiota morto junto ao cadaver de sua mãe.

BOLETIM MUSICAL.

Quando nutrimos desejos de chamar a attenção de nossas leitoras para alguma interessante occorrença havida no mundo musical, lastimamos que a opera lyrica esteja tão pouco fértil de novidades, que aos não forneça assumpto para este artigo. Se recorrermos ao conservatorio de musica para nos auxiliarmos de alguma cousa; tambem nada colheremos, pois que ignoramos se ainda existe tal instituição. Quizeramos que o Conservatorio se collocasse na altura de sua verdadeira importancia e utilidade; e que de suas aulas: *sahissem discipulos que o conceitassem e testemunhassem o incontestavel merecimento de seus mestres. Mas não sabemos que mão fado o persegue; de sorte que nada apresentou ainda; nem mesmo materia para um artigo.*

Seja pois este boletim consagrado ao reconhecimento artistico do Sr. José Joaquim Goyano, e

á manifestação do sincero pezar pelos incommodos que tem soffrido em sua saúde. Este artista é credor de reconhecimento pelos serviços que tem prestado á arte que tem cultivado e feito prosperar.

Ahi está o seu romance — A Esperança — e muitas outras composições: ahi estão ainda espectadores da representação da *Ernani*, perfeitamente desempenhada por seus discipulos do collegio *Marinho*; pará attestarem o quanto avancamos.

O Sr. Goyano pôde ainda prestar muitos serviços; tem todas as condições da sciencia, do genio e do gosto para prestal-os: e por isso fazemos preces a Deos pelo seu restabelecimento, que esperamos seja breve e completo.

Alina.

BOLETIM DOS THEATROS.

Marianna, a Viandeira. — Eis o drama que mais uma vez tivemos em scena, sabido 18 do corrente, no theatro de S. Pedro, em solemnisação ao *transferido* natalicio da nossa Augusta Imperatriz, saudada apenas pelo hymno da orchestra, pois que a maioria das damas e damas se deixarão ficar sentadas em seus banquinhos, e os labios do Sr. Juiz continuarão cerrados á toda e qualque saudação.

Correu optimamente o drama, comquanto acerbas fossem as saudades que tivemos do Sr. Florentino, morto, e do Sr. Joaquim Augusto, expatriado.

Quando o Sr. De-Giovani fazia o Sr. Almeida curvar-se aos pés do Sr. João Caetano, como nunca foram pungidoras as reminiscencias que de chofre feriu-nos, e chorámos devéras então a falta desse Victor de outr'ora, que tao bem dizia: — *Meu pai, o culpado está á vossos pés! Elle confessa a sua falta, e vos pede perdão!*...

A Sra. Isabel bem sensível fez a falta da Sra. Joanna, e o Sr. Paula Dias mostrou que um vacuo immenso era esse que o Sr. Costa nos havia deixado; o Sr. Martinho esteve bom, como sempre; e muito além de *toão* o elogio estiverão o Sr. João Caetano e a Sra. Ludovina.

Um sargento Bernardo e um conde Santo André, não podem ser melhor interpretados; os extremos de um pai e a cegueira de um esposo, ali sobesabião á par das virtudes de uma esposa, e do amor de uma mãe!

O passo a quatro não foi tão sério como pensavamos, que o publico em seus applausos continuou a *sorrir-se* das posições voluptuosas dessas sylphides nuas.

Nessa mesma noite trabalhou o Provisorio, e

correriamos em grande falta de verdade se ou-sassemos uma analyse daquillo que nos era impossivel apreciar, havendo a natureza nos dado sómente dous olhos e dous ouvidos, e esses entretidos na *Marianna*.

Tivemos domingo, ainda em S. Pedro, a *Ignês de Castro*, (ou Nova, por antonomasia) e muito bem estiverão o Sr. João Caetano e a Sra. Ludovina: esses transportes sublimes do-filho aos pés do pai, do vassallo aos pés do príncipe, do príncipe aos pés do rei, devião durar séculos nos labios e gestos do artista, para que assaz corresse o nosso pranto, excitado por tanta eloquencia na dor, tanta dor no soffrimento, tanto soffrer na paixão e tanta paixão no remorso. Os olhos dos espectadores, rasos d'agua, mal podião vêr toda essa scena da mãe agonizando entre os filhos, buscando no rosto delles o semblante do esposo ausente.

Sanelho esteve bom, na quêda de um joelho; Coelho e Pacheco disserão bem o que querião, e o embaixador recitou brillantemente o seu discurso.

Olvidaremos Affonso e Elvira, e passaremos a louvar a Sra. Adelaide, que em S. Francisco, na quarta feira, brillantemente metamorphoseou-se em Sir Arthur.

Ainda uma vez foi o *Attila* ser soprado pelos buzios que tanto caprichão em indispôr-nos contra as notas do eximio Verdi; omittimos o nosso juizo em semelhante execução, e deixamos que a logica de alguém mais *atildado* conclua a nossa opinião da saudade que temos dos cantores que havemos tido, e dos que havemos de ter.

O *Tijupano*.

Grande resultado de uma pequena cousa.

Durante o longo e sagguinolento cerco que em 1585 pozerão os Hespanhoes para render a cidade de Antuérpia, succedeu uma pequena circumstancia, que teve um grande resultado.

Uma senhora principal da cidade adoeceu gravemente, e os medicos assentãrão em que só o leite de burra poderia aproveitar-lhe. Em toda a cidade não havia jumenta alguma, porque todos os animaes de carga se tinham posto fóra, no principio do cerco, por causa do sustento: era portanto necessario recorrer ás aldeias visinhas, o que se tornava quasi impossivel por causa do cerco. Todavia um moço se offerceu para tentar a empreza, e com effeito conseguiu atravessar o campo inimigo, comprar a jumenta e conduzi-la quasi até ás portas da praça, sem que fosse descoberto pelos sitiadores. Apanhado porém junto aos ultimos postos, foi conduzido á presenca do duque de Parma, general do exerci-

to hespanhol, o qual, sendo informado do caso, louvou o moço pela sua coragem, mandou carregar a jumenta de gallinhas e muitos mantimentos de refresco de que se carecia na cidade, e remetteu tudo á senhora com um bilhete em que dizia: — que a saude de uma dama era objecto estranho ás operações de um cerco, e que muito folgára elle de poder concorrer para o seu restabelecimento.

Esta generosidade do duque de Parma, por isso que era tão inesperada, fez grande impressão nos animos: reuniu-se o conselho; e para que não ficassem os habitantes inferiores ao duque foi resolvido que se lhe mandassem alguns barris de vinho, confeitarias e outras delicadezas que não podião haver no campo. O duque mostrou-se muito agradecido, e concedeu permissão para que entrasse quanto fosse necessario para curativo e sustento dos doentes. Entaholou-se assim uma correspondencia de cortezia e civilidade de parte a parte, a qual se foi tornando mais amigavel, até que os sitiados se foram capacitando de que não erão os Hespanhoes tão ferozes como

se havia espalhado: e os sitiadores, cansados de estarem tantos mezes sobre as trincheiras, começaram a capacitar-se de que era melhor negociarem que pelearem. Abrião-se as negociações, a cidade abriu suas portas ao duque de Parma, e deste modo se pôz termo aos tão prolongados horrores da guerra.

As bailadeiras dos templos da India.

Nos templos ou pagodes da India ha companhias de jovens dançarinas consagradas á divindade, e que são tidas em grande veneração pelos povos. Eis aqui a origem que dão á esta instituição: — Dizem que Shiva, uma das tres pessoas da trindade india, em uma das occasiões que desceu á terra, estabeleceu sua morada na Persia sob a forma de um poderoso rajah chamado Devendren; e, seguindo o costume dos principes do Oriente, formou um harem com grande numero de odaliscas da maior belleza, em cuja sociedade passava vida alegre e feliz. Querendo porém experimentar a sinceridade do amor que todas estas mulheres lhe protestavão, fingiu estar em artigo de morte, e chamando junto á si aquellas que mais se haviam distinguido em taes protestos, prometeu esposar aquella que jurasse de se sacrificar sobre o seu tumulo depois do seu fallecimento. Ainda que o numero das odaliscas se elevasse acima de mil, nem uma só dellas houve que de bom grado promettesse immolar-se; até que uma joven dançarina, das que menos contempladas haviam sido, abrindo caminho por entre a multidão das favoritas, offereceu a sua vida para ter a honra de por um só instante ser esposa do rajah. Celebrarão-se immediatamente as nupcias, e poucas horas depois expirou Devendren.

Fiel á promessa que fizera, a noiva mandou levantar um monte de lenha aromatica, e tendo feito collocar em cima o cadaver de seu marido, sentou-se junta delle, e com suas proprias mãos poz fogo á funerea pyra. Mas no instante em que as chamas principiavão a envolvê-la, levantou-se Devendren radiante de gloria, e proclamando a sua divindade desapareceu com a sua esposa, tendo primeiro ordenado que para perpetuar a memoria deste acontecimento, de futuro se empregassem companhias de dançarinas nos templos, para que o seu mister fosse honrado, e que estas dançarinas tivessem o nome de Deverdatís, isto é, favoritas da divindade.

Medicina domestica.

POMADA EFFICACISSIMA PARA QUEIMADURAS, POR MAIS GRAVES QUE SEJAO.

Recipe. De mel de boa qualidade, quatro colheres de sopa; de massa de batata crua, uma colher. Misture-se, pise-se tudo muito bem n'um almofariz de pedra, e guarde-se.

Chegando a occasião vereis que não ha remedio mais prompto e certo do que este. Abranda promptamente as dores, obsta a suppuração, e l'vra de cicatrizes e costuras de que aliás se tem muitas vezes seguido deformidades.

Temos receita de comadre, dirá alguém, receitas de curandeiras e de senhoras visinhas! Muito embora; é uma receita que não falha, e que todos podem ter sempre á mão, e como tal é uma cousa preciosa. Queimoi-vos, e experimentai-a, e veremos se a gratidão vos não obriga, como nós, a apregoal-a.

Anecdotas.

Um fidalgo de antiga linhagem teve algumas disputas com outro de fabrica moderna, e cujos pais haviam sido da mais baixa condição. No calor das razões disse este ultimo para o outro: « Vá-se, que as suas acções são indignas dos seus antepassados. — E as suas, lhe respondeu o primeiro, são *mui dignas dos seus.*»

Um sujeito tinha a mania de convidar amidadas vezes algumas pessoas para jantar, e as tratava com demasiada parcimonia e mesquinhez. Convidando um dia em publico certa personagem para jantar com elle, lhe respondeu esta: « Posto que já esteja convidado para outra parte, não deixarei de aceitar o vosso convite, porque uma cousa boa tem os vossos jantares — é que não tirão a vontade de comer.



CHARADA.

O espaço atravessando, repercute; 1
E a paciencia fatigando — cego — 1
Predispõe ao repouso dos sentidos.

M.

As charadas do n.º 42 são: 1.ª, *Marido*; 2.ª, *Leque.*

Acompanha este n.º 43 uma linda peça de musica intitulada — *Mathilda.*